



A possibilidade de uma ecofenomenologia no imaginário da filosofia da natureza em Bachelard

La possibilité d'une écophénoménologie dans l'imaginaire de la philosophie de la nature chez Bachelard

 10.21680/1983-2109.2023v30n61ID32276

Gabriel Kafure da Rocha

Instituto Federal do Sertão Pernambucano
Coordenador do PROF-FILO IF Sertão- PE

 0000-0001-7088-6239
gkafure@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo fazer uma cartografia das possibilidades Ecofenomenológicas acerca do imaginário da natureza na filosofia. Tal intento se dá pelo fato da filosofia enquanto disciplina não ter materiais didáticos diretamente ligados a essa perspectiva quando em diálogo com as ciências naturais. Apesar de termos diversos pensadores contemporâneos no âmbito da filosofia que tratam de questões como a natureza, ecologia e meio ambiente, é a partir de pensadores como Bachelard, Gadamer, Merleau-Ponty, que queremos fazer uma interpretação do

imaginário da fenomenologia natureza. Logo, por meio de uma metodologia ecohermenêutica pretendemos por meio desse manuscrito apontar caminhos possíveis para a construção dialógica dessa temática e de como ela tem ressonância e repercussão crítica junto a filosofia da técnica e a imaginação.

Palavras-chave: Ecohermenêutica crítica, Eco-poética da imaginação, Meio Ambiente.

Résumé

Cet article vise à faire une cartographie des possibilités éco-phénoménologiques sur l'imaginaire de la nature en philosophie. Cette intention est due au fait que la philosophie en tant que discipline ne dispose pas de matériel didactique directement lié à cette perspective lorsqu'elle dialogue avec les sciences naturelles. Bien que nous ayons plusieurs penseurs contemporains dans le domaine de la philosophie qui traitent de questions telles que la nature, l'écologie et l'environnement, c'est à partir de penseurs tels que Bachelard, Gadamer, Merleau-Ponty, que nous voulons faire une interprétation de l'imaginaire de la phénoménologie de la nature. Par conséquent, à travers une méthodologie écoherméneutique, nous entendons, à travers ce manuscrit, indiquer les voies possibles pour la construction dialogique de ce thème et comment il peut avoir résonance et retentissement avec la philosophie de la technique et de l'imagination.

Mots clés: Écoherméneutique critique, Éco-poétique de l'imaginaire, Environnement.

Introdução

Nossa proposta se inicia como uma espécie de cartografia do conceito de ecofenomenologia, não no sentido

geográfico, mas talvez num sentido do que Deleuze e Guattari¹ estipulam enquanto exame da relação das territorialidades das ideias que mapeiam o plano de imanência de como a ecofenomenologia possa estar ligada ao imaginário humano da compreensão a natureza. Contextualizando para nossa regionalidade territorial brasileira e nordestina, podemos dizer que vivemos num país com uma natureza exuberante, que tem um pensamento plural e difuso, que mesmo após a colonização, pode ter perdido muito de sua cosmologia ameríndia, mas ganhou muito em termos de interculturalidade de diferentes cosmovisões étnicas.

Vivemos em um século no qual a concepção do antropoceno (LATOURE, 2020)² nos trás responsabilidades sobre o nosso planeta que estão constantemente confrontadas por um maniqueísmo cosmopolítico.³ A partir disso, as demandas globais enxergam o nosso futuro por meio da ideia de uma ecologia salvacionista que faça prolongar a vida em suas diversas dimensões na terra. O que a filosofia pode ter a ver com todo esse contexto ecológico?⁴

¹ Guattari (2009) tem especialmente uma importância contextual dessa pesquisa quando escreve o texto “As três ecologias”.

² Latour (2020) nos deixa um dos seus últimos livros antes de morrer, Diante de Gaia, toda uma perspectiva política de como convocar diferentes povos (da natureza) para lidar com a eminente destruição do Globo.

³ Tal conceito dialoga com a filosofia de Yuk Hui (2020) e Isabelle Stengers, a era do antropoceno põe o ser humano como principal responsável pelo destino da terra.

⁴ “Uma crítica ecofenomenológica da ecologia profunda tentaria abrir opções dentro de sua economia fechada. O argumento de que existem circunstâncias em que as sociedades democráticas podem suspender a democracia não é tão totalitário quanto pode parecer. Todo estado tem poderes de emergência – para lidar com tumultos, desastres naturais e ameaças de potências estrangeiras. E, claro, as instituições democráticas podem operar como ditaduras eleitas entre as eleições. Medidas de emergência, lógicas sim/não,

Ora, estamos em um momento de muita apreensão da representação democrática e de como isso está ligado a um esgotamento da dualidade da natureza humana. Entre todo esse contexto, filosofia nos faz lembrar que desde o seu surgimento está intimamente as concepções de natureza, e de como essas concepções se desdobram em maneiras causais e de respostas para nossa origem. O fato é que a natureza hoje pode ser experimentada muito mais por um telos⁵ do que por uma causa ou gênese, aliás, as diversas naturezas são a constatação da pluralidade cultural que devém da relação entre o ser humano e a natureza.

O imaginário se coloca então como uma porta para entendimento dessas concepções e da reverberação que a filosofia tem nas ciências da natureza, meio ambiente, ecologia.

A ecofenomenologia retoma de forma experimental e exploratória a pretensão fenomenológica tradicional de ser capaz de legislar para as ciências ou, pelo menos, de pensar além das fronteiras que parecem dividi-las. Desta forma, abre e desenvolve um acesso à Natureza e ao natural que independe da conceptualidade das ciências naturais e da metafísica tradicional. (WOOD, 2001, p. 94)

fazem sentido quando se trata de questões de vida e morte. A questão de saber se a terra é um ser vivo, no entanto, não é um fato da natureza, mas é inseparável das próprias questões sobre autopreservação, manutenção de limites e nutrição que espertam nas fronteiras dos seres vivos e outros fenômenos naturais e sistemas complexos”. (WOOD, 2001, p. 94)

⁵ “No sentido primordial, efetuam-se variações de acepção. Aristóteles insiste na ideia de uma orientação para um tipo, uma ordem, um destino. [...] A Natureza total e dividida assim em regiões qualitativamente definidas, lugares de certos fenômenos naturais (fenômenos sublunares); ela e a realizações, mais ou menos bem-sucedida, desse destino qualitativo dos corpos”. (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 7)

É daí que queremos encontrar nosso ponto de partida para entender a diferença de uma visão ecofenomenológica. Quando pensamos em imaginário, nos vem à cabeça uma ideia que não existe na realidade, contudo, mais do que isso, o imaginário pode ser aplicado pela deformação que a imaginação cria das ideias da realidade. O que isso pode querer dizer em contraposição com uma hermenêutica? É justamente pela interpretação das imagens naturais, tais como as nuvens, por exemplo, que fazemos essa primeira estruturação hermenêutica do imaginário (AUTOR, 2017).

É partir desses conceitos que podemos enxergar toda uma problemática das paisagens que esses saberes nos dão e como a fenomenologia, ou melhor - a ecofenomenologia, pode nos auxiliar a criar um conhecimento mais elaborado para complementar saberes como a agroecologia, agrofloresta, etc. Em suma, podemos dizer que tudo está obviamente interligado e que povos ancestrais tinham visões de mundo, tal qual os gregos, que estavam muito mais em sintonia com a(s) natureza(s) do que a nossa sociedade pós industrial.

Considerem as experiências ameríndias da floresta como “terra” ou “lugar de habitação”. Aqui a floresta pode ser o cenário para uma narrativa com seu início (a criação da Terra como lar e santuário, o papel das pessoas como administradores), seu meio (o que as pessoas estão fazendo agora com as florestas) e seu fim (salvação futura ou catástrofe). (VAN BUREN, 1995, p. 260).

O problema do fim do mundo e da humanidade sempre existiu e continuará existindo (KRENAK, 2019)⁶, o que significa que mesmo contingente, a sua iminência não

⁶ Em Ideias para Adiar o Fim do Mundo, Krenak coloca que as populações indígenas já vivenciaram o apocalipse quando os colonizadores chegaram às américas dizimando suas populações, mas que ainda assim continuaram resistindo com um saber que serve para toda humanidade para adiar o fim do mundo.

significa que não deve continuar sendo refletida principalmente por conta do seu caráter ambiental, a ecofenomenologia não pretende solucionar esse problema, mas talvez por meio dela tenhamos respostas com novos olhares sobre a natureza que possam contribuir para dialogar com outras ciências por uma criticidade dos seus fazeres ainda muito imersos em concepções positivistas.

Por fim, creio que mais uma justificativa para essa pesquisa em termos mais práticos é um importante intercâmbio entre os programas de pós-graduação em Filosofia da UECE, IFSertãoPE e UFPI, integrando importantes estados e regiões socioeconômicas do Nordeste em torno da relação entre a ecologia e a filosofia.

Ecofenomenologia e ecohermenêutica

Da mesma forma, uma visão (por exemplo, floresta como lazer organizada por grandes empresas) pode ser tecnicamente verdadeira no sentido de que é eficiente para o fim pré-determinado de criar empregos na tecnosfera econômica, mas ao mesmo tempo pode ser historicamente culturalmente inválido na medida em que ameaça destruir os gêneros tradicionais de vida em pequenas comunidades. Da mesma forma, uma abordagem democraticamente escolhida no manejo florestal pode ser baseada em um mal-entendido grosseiro do mundo biofísico. Nenhum dos critérios por si só nos dá toda a verdade. (VAN BUREN, 1995, p. 274)

Como ecohermenêutica e ecofenomenologia podem trabalhar em um sentido comum diante do paradoxo de que nenhum critério nos traz toda verdade? Ora, temos um jogo hermenêutico em temas como o princípio da responsabilidade de Jonas ligados diretamente a ideia da relação do Ser Humano com a natureza. A ecofenomenologia pontuada por Wood (2001) se mostra um saber mais aberto e inovador, ao mesmo tempo desafiador, pois lida com conceitos abertos que podem ser interpretados de uma maneira mais idiossincrática.

A ecohermenêutica nos dá a possibilidade de leitura das diferentes narrativas que perpassam os pontos de vista epistemológicos, éticos e políticos.

Por que o imaginário da filosofia da natureza? Justamente porque os estudos do imaginário iniciados com Gaston Bachelard e Gilbert Durand (2004) permitem o que se chamam de hermenêuticas instauradoras. Ou seja, em oposição as hermenêuticas redutoras, o símbolo faz a mediação entre o ser humano e o mundo que o cerca, isso já havia sido preconizado por Bachelard em sua noção de fenomenologia da imaginação, no qual o inconsciente tem papel criador da realidade e é abandonada a noção de intencionalidade.

Ecofenomenologia e ecohermenêutica são termos relativamente recentes que se baseiam muito em cânones da filosofia contemporânea como Heidegger (1998), e Gadamer (1983), contudo, são novos autores que desenvolvem melhor essa temática tais como Van Buren (1995), Drenthen (2015), Wood (2001) e muitos outros, incluindo o Prof. Gustavo Silvano Batista (2020) da UFPI.

Há um ser em cada ser vivo, da famosa metáfora cartesiana da árvore da filosofia, é na terra que o ser nutre as raízes metafísicas que alimentam a filosofia. Vários Filósofos usam o sistema arbóreo: parte dos filósofos utiliza a imagem da árvore para ilustrar a sua relação com alguma área da filosofia – um sistema arbóreo em primeiro lugar é uma organização tanto das partes ou composições da própria árvore e há muitas diante de toda a diversidade de florestas, embora devastadas.

Suponha que eu olhe pela janela – o que vejo? Uma árvore. Aí está. Está lá na minha frente, tão visível quanto eu poderia querer. Mas o que vejo quando vejo uma árvore, em que consiste vê-la? Se eu fosse uma formiga subindo na árvore, supondo que as formigas tenham algum tipo de olhos, eu seria

capaz de 'ver' a árvore. Poderíamos discutir se a formiga poderia realmente ver a árvore se pudesse ver apenas uma parte da árvore a qualquer momento ou se não soubesse o que uma árvore 'é'. (WOOD, 2001, p. 81)

As árvores como partes das simbologias das florestas evocam as complexidades ou aquilo que é tecido em comum, por isso ela é tanto multiplicidade como unidade. Este trânsito de raízes, troncos, caules, flores, frutos são partes que contém o todo. Essa imensidão de mundos, desde a semente até folhas é ligada pela seiva como circulação e glicose, toda uma mecânica fisiológica de distribuição de moléculas, etc. Não são somente etologias ou uma ciência biológica no sentido mais técnico do termo, é também uma genealogia poética enquanto lugar, já que a genealogia poética não tem a hierarquia da classificação taxonômica da biologia espaço, região ou mesmo que não seja sistema uma espécie de hierarquia onde paira a perenidade. Contudo, segundo Bachelard, na poética há dois conceitos que precisam ser levados em conta:

Nas trilhas da construção de uma fenomenologia da alma, Bachelard articulou uma duplicidade fenomenológica, onde estabelece uma diferença entre repercussão e ressonâncias. Segundo o pensador, as ressonâncias se dispersam nos diferentes planos da nossa vida no mundo - (ouvimos o poema), e repercussão que nos chama a um aprofundamento de nossa própria existência - (falamos o poema - ele é nosso). A repercussão opera uma revirada do ser - parece que o ser do poeta é nosso ser - o que torna possível a caracterização da exuberância e a profundidade de um poema como fenômenos da dupla ressonância - repercussão. Há, portanto, duas linhas de análise fenomenológica: uma que leva às exuberâncias do espírito, outra que vai às profundezas antes de movimentar a superfície. (SILVA, 1995, p. 137)

Se trocarmos poema por natureza, já que a natureza é também tanto fonte do poema como um teorema, ou seja, da imaginação e da ciência, não é a toa que pela ressonância e repercussão os indígenas diziam conseguir dialogar com plantas e árvores. Pois tudo isso ocorria e ainda pode ocorrer

por meio de uma experiência fenomenológica própria de suas cosmovisões. Em um artigo intitulado “A geopoética em Bachelard e Wunenburger” (AUTOR, 2018) essa questão é abordada do ponto de vista de alguns exemplos fenomenológicos tais como quando um indígena diz que perdeu a sua alma num caminho quando é interrompido por uma possibilidade de uma carona, ou seja, sua alma é justamente o caminho eco-poético que trilhava todos os dias para se reconhecer nele.⁷ O fato marcante é que o fenômeno da relação do homem com a natureza nesse tipo de concepção não está presente em outras ciências, nem na antropologia, nem tampouco na própria filosofia e nas ciências naturais. Por esse motivo, a ecofenomenologia traz um caráter inovador para um saber aberto ao diálogo de como a natureza se expressa.

Quando nos voltamos para a uma ecofenomenologia da árvore ou a árvore como fonte da ascensão existente em diversos mitos, tanto na poética como fora desta, a questão sobre o desvelamento no mito na poesia também se refere ao dinamismo vertical da árvore: “é precisamente esse dinamismo vertical que forma entre a erva e a árvore a dialética fundamental da imaginação vegetal”. (BACHELARD, 2001, p. 211). Para Bachelard, há uma espécie de árvore dos movimentos (arquetípicos), como se fosse uma árvore genealógica dos elementos. Todas as partes de uma árvore podem apresentar movimentos orgânicos, conforme:

Essa árvore lhe parecia a vida eterna; suas raízes tocavam as regiões infernais; sua cabeça soberba interrogava os céus, [...].

⁷ “Ao sair de uma aldeia em seu Jeep rural, vê um indígena no caminho e lhe pergunta se quer uma carona; o índio aceita, mas, tão logo o carro anda por um quilômetro, ele pede para descer. O antropólogo então se surpreende e pergunta o porquê, e o índio explica algo como se houvesse deixado sua alma no caminho” (AUTOR, 2018, p. 97).

Tudo se engrandece nesse texto, como convém a uma página realista do imaginário; a árvore une o infernal ao celeste, o ar à terra; oscila do dia para a noite e da noite para o dia. Seu balanço também exagera a tempestade: o cimo se inclina até o prado! E depois, de imediato, com que força o habitante o ideal da ramagem é restituído ao céu azul. (BACHELARD, 2008, p. 215).

A água está abraçando a árvore para Bachelard e sobre a terra pode ser raízes a evocando. A imersão permite que o corpo se perceba inteiramente, como na abertura de um novo ambiente, não é a mesma percepção do conceito abstrato. É uma fenomenologia das multiplicidades da consciência como a comunhão de duas almas no esquema vertical, horizontal, perfazendo um quadrado ou uma quadratura tal como uma fusão de horizontes nos quais os sentidos da visão e do tato fazem-nos compreender as camadas da realidade.

Tentei indicar várias maneiras pelas quais pensar sobre a consciência nos levaria a pensar sobre nossas capacidades inter-relacionadas (a) para entender as coisas dentro de campos de relevância (horizontes), (b) para aplicar uma modalidade de poderes interpretativos da consciência extraídas de outras dimensões (como o tátil e o visual) e (c) a capacidade de reconstituir nossa consciência como objeto de uma consciência de segunda ordem. (WOOD, 2001 pág. 90)

Aliás, com isso é possível dizer que a natureza é expressão, tanto que a partir da própria ideia do *conatus* em Spinoza (2008), podemos perceber que é fora da sala de aula onde podemos encontrar fenômenos dessa expressão: nas árvores e plantas e de como na sua luta pela sobreviver estão sempre buscando verticalmente a luz solar para afirmação do seu ser.

Wood (2001) parece estar de acordo que a fusão de horizontes nos leve a novos poderes interpretativos das dimensões táteis e visuais como objeto de nossa consciência, a ecofenomenologia só não pode ser confundida com um

holismo, ainda que seu impulso fundamental seja a integração de totalidades fraturadas. O importante é que a preocupação metafísica com nosso tempo e as fronteiras dos fenômenos entre saberes populares e filosóficos não tenha sido ainda explorado por nenhuma ciência.

A questão da técnica é outro aspecto fundamental que não pode deixar de ser ressaltado. Heidegger (2001) já percebia que contraposto aos caminhos da floresta, que a água faz para guiar os caçadores, a *techné* enquanto *Ge-Stell* provoca a armação do desencobrimento das coisas para extrair delas sua energia. É o que uma barragem faz com o rio, a técnica pensa somente no que pode extrair da natureza, ainda que essa extração renda ao ser humano uma maior comodidade por meio da energia elétrica. Já Gadamer, seguindo a linha de Heidegger atenta para a crise ecológica e como sua eminência se alastra para nossos dias.

Gadamer fala na questão ambiental em meio a uma discussão sobre o horizonte da vida prática e sua relevância na atualidade. É nesta perspectiva que a questão ambiental aparece, nos termos da crise ambiental, como um tema que confirma a degradação da vida prática em comum, à medida que a própria sociedade ocidental se encontra totalmente engajada no desenvolvimento da técnica e seus desdobramentos tecnológicos. (BATISTA, 2020, p. 44)

É a partir das narrativas da insuficiência biofísica e técnicas que Van Bureen (1995) distingue a diferença entre uma ecologia superficial e profunda do mesmo modo que há uma distinção entre uma hermenêutica superficial e profunda. Ele defende que uma ecohermenêutica superficial está preocupada com preservar os santuários de vidas selvagens, estabelecer leis contra a regulação e a caça, etc. Já uma hermenêutica profunda está ligada à compreensão das narrativas ético, epistemológicas e políticas ambientais.

Van Buren concebeu e elencou critérios hermenêuticos básicos para a interpretação do ambiente do ponto de vista de uma questão concreta. Deste modo, ele distinguiu quatro momentos – pensados como critérios –, que contribuem para a devida consideração do problema. São eles: biofísico, histórico, técnico e ético-político. (BATISTA, 2020, p. 50)

Com esse aprofundamento que poderemos almejar uma reorientação humana com sua relação com o ambiente, situando a relação das comunidades com seus espaços, sem ignorar que cada ambiente tem uma história construída da relação entre a natureza e sujeitos intérpretes numa holística dos sintomas reais que deflagram a crise ecológica que vivemos.

Considerações Finais

Quando partimos da perspectiva de hermenêuticas instauradoras, que abrem espaço para a questão do imaginário fizemos uma análise bibliográfica dos principais textos que refletem a questão da natureza em filósofos que entendemos estar ligados a ecofenomenologia:

[...] como o reconhecimento da natureza interpretativa de nossa compreensão do ambiente e a rearticulação dos motivos normativos nos termos hermenêuticos podem ajudar a aprofundar o debate ético. É nesse sentido que John van Buren defende uma “hermenêutica ambiental crítica”. Ele argumenta que a hermenêutica deve, por um lado, ajudar a entender e tornar explícitas ideias epistemológicas, morais e políticas mais profundas do que em jogo em conflitos reais de interpretações sobre o meio ambiente, mas, mais importante, por outro, ela também tem um papel crítico a desempenhar na ética ambiental, fornecendo critérios com os quais se pode determinar a adequação de interpretações ambientais particulares. (DRENTHEM, 2015, p. 11)

Apoiado então nessa vertente metodológica ecohermenêutica o estudo de narrativas e teorias filosóficas será fundamento para desvelar uma ecofenomenologia que

pode ir além dos textos, e fundamentar uma interpretação das imagens e expressões da natureza no meio ambiente.

A ecofenomenologia e seu contexto plural de autores e uma espécie de eco-poética bachelardiana, esses dois eixos se encontrarão justamente com a filosofia da natureza de Merleau-Ponty e o cotejo das abordagens de autores ligados a ecohermenêutica.

Esse encontro em Merleau-Ponty e Bachelard não só ocorreu durante a vida de ambos, pois os dois se admiravam mutuamente, como também já foi abordado por alguns comentadores desse ponto de vista ecológico.

A endo-ontologia da natureza é a direção que o falecido Merleau-Ponty tenta aprofundar sua visão. Como ele cita a frase de Cézanne «a natureza está por dentro (la nature est à l'intérieur)», a intenção é desvendar a emergência do sentido da natureza de dentro para fora. [...] O que é essencial para Merleau-Ponty também é essencial para Bachelard. Embora expresso em outros termos, Bachelard lança seus insights evocando a imaginação material. Em sua poética dos elementos, ele relembra repetidas vezes as ricas imagens poéticas da intimidade material. Brincando com a dialética do dentro e do fora, do pequeno e do grande, Bachelard vê a inversão funcional do macrocosmos e do microcosmos motivada pela imaginação. (HUANG, 2020, p. 34-35)

Por fim, gostaríamos de enfatizar que há um grande campo de atuação possível para a ecofenomenologia, principalmente trazendo para o contexto dos debates acerca da importância da ecologia e de como ela pode se desdobrar nessa nova leitura filosófica do espaço ambiental e sua relação com o ser humano. Assim, uma filosofia crítica da técnica deve levar em conta como contraposição ao perigo destrutivo tecnológico, uma possibilidade ecofenomenológica de pensar a natureza, reserva a esta o seu mistério imaginário e poético e propondo a aceitação de técnicas ancestrais de diálogo com a natureza, como faziam e em certa medida ainda podem fazer os indígenas / nativos. Esta pressuposição pode ser entendida

justamente como a disposição de primeiramente aprender com saberes locais ancestrais, antes de impor uma saber técnico logocêntrico de uma pseudo “ordem e progresso”.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *Ar e os Sonhos* : ensaio sobre a imaginação dos movimentos. São Paulo. 2001. Martins Fontes.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACHELARD, Gaston. *Poética do Devaneio*. Biblioteca Pensamento Moderno. São Paulo. 2008. Martins Fontes.
- BACHELARD, Gaston. *Paysages. Notes d'un philosophe pour un graveur*, Albert Flocon. Lausanne, Suisse: Les Éditions de l'Aire, 1982.
- BATISTA, Gustavo. Gadamer e a questão ambiental. *Rev. NUFEN* vol.12 no.1 Belém jan./abr. 2020
<http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº01artigo64>
- DRENTHEN, M. Environmental hermeneutics and the meaning of nature. In GARDINER, S. & THOMPSON, A. *Oxford Handbook of environmental ethics* (pp. 162-173). Oxford: Oxford University Press, 2015.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Trad. Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.
- GADAMER, Hans George. *A razão na época da ciência*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 20ª ed. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2009, 56p.
- HEIDEGGER, Martin. *Caminhos de Floresta (Holzwege)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências - A questão da técnica*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Ed. Vozes., Petrópolis: 2001.
- HUANG. *A sensibilidade cósmica da paisagem em Gaston Bachelard*. *Revista Inquietude*. v. 7, n. 2. 2016.

- HUI, Yuk. Cosmotécnica como cosmopolítica. In: Tecnodiversidade. São Paulo, Ubu Editora, 2020. pp.21-46.
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LATOURE, Bruno. Diante de Gaia – Oito Conferências sobre a natureza no antropoceno. Trad. Maryalua Meyer. Rio de Janeiro: Ubu Ed. 2020.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. A Natureza: Curso do Collège de France. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AUTOR. MADEIRA, C. . A metapoética do sonho em Bachelard: uma possibilidade hermenêutica das imagens do ar. *Hermenêutica Intercultural*, p. 83, 2017.
- AUTOR. A Geopoética em Bachelard e Wunenburger: Um ensaio sobre um antropólogo na filosofia do espaço. *Revista Inter-Legere*, v. 1, n. 22, p. 96–111, 2018b. DOI: 10.21680/1982-1662.2018v1n22ID15296 Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/15296> Acesso em: 15 nov. 2022.
- SATO, Michèle. ECOFENOMENOLOGIA: Uma janela ao mundo. *REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental*, 10–27. <https://doi.org/10.14295/remea.v0i0.5957>
- SILVA, Markus. Ensaio acerca da imagem poética: Bachelard e João do Rio. *Princípios*. V. 2. N. 1. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/742/684> Acesso em: 03/02/2023.
- SPINOZA, Baruch. *Ética*. Trad. Tadeu T. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- VAN BUREN, J. Critical environmental hermeneutics. In *Environmental Ethics*. (pp. 259- 275), n.1. 1995.
- WOOD, David. What is Ecophenomenology? *Research in Phenomenology* Jan 2001.

(Submissão: 21/04/23. Aceite: 23/05/23)